

COMPREENDENDO A DINÂMICA URBANA NAS PEQUENAS CIDADES DO SEMIÁRIDO POTIGUAR: A FEIRA LIVRE DE CRUZETA-RN

Iapony Rodrigues Galvão ¹
Andréa Dryelle dos Santos ²

RESUMO

As feiras livres, materializadas no espaço como formas comerciais de caráter socioeconômico e cultural, são uma importante fonte de renda para os pequenos agricultores familiares e artesãos locais e estão, ao longo dos anos, sofrendo uma série de modificações por causa do avanço da economia, cada vez mais globalizada. É o caso da feira livre da cidade de Cruzeta, localizada na Região intermediária de Caicó, uma das três grandes regiões geográficas do Rio Grande do Norte. Desta forma, a pesquisa que segue, apresentou, como objetivo principal compreender a importância da feira livre de Cruzeta-RN. Para tanto, a metodologia adotada para a realização do presente trabalho foi desenvolvida a partir da pesquisa de cunho exploratório e descritivo, realizada por intermédio de uma revisão bibliográfica, como parte fundamental de um embasamento teórico necessário para as discussões contidas nesta pesquisa. Por fim, concluiu-se que as feiras são “um território urbano no/do urbano” e cada uma delas apresenta suas próprias peculiaridades, mas todas as feiras, a exemplo da de Cruzeta, são manifestações que movimentam a cidade economicamente e trazem cultura e sociabilidade para o lugar.

Palavras-chave: Feira Livre. Economia globalizada. Território. Cruzeta.

ABSTRACT

Free markets, materialized in space as commercial forms of socioeconomic and cultural nature, are an important source of income for small family farmers and local artisans and have, over the years, undergone a series of changes due to the advancement of the economy, increasingly globalized. This is the case of the street market in the city of Cruzeta, located in the intermediate region of Caicó, one of the three large geographic regions of Rio Grande do Norte. In this way, the research that follows presented, as its main objective, understanding the importance of the open market in Cruzeta-RN. To this end, the methodology adopted to carry out this work was developed from exploratory and descriptive research, carried out through a bibliographic review, as a fundamental part of a theoretical basis necessary for the discussions contained in this research. Finally, it was concluded that fairs are “an urban territory in/of the urban” and each of them has its own peculiarities, but all fairs, like the one in Cruzeta, are events that move the city economically and bring culture and sociability to the place.

Keywords: Free Fair. Globalized economy. Territory, Cruzeta.

¹ Docente do GEOCERES, Mestrado acadêmico em Geografia, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN iapony.galvao@ufrn.br;

² Pós-graduanda GEOCERES, Mestrado acadêmico em Geografia, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, andrea.dryelle@gmail.com;

Discutir e refletir sobre as feiras livres na contemporaneidade se torna imprescindível, posto que há uma mudança significativa na dinâmica socioespacial dessa atividade nos últimos anos. Além disso, cada feira livre apresenta sua própria intensidade, sendo necessário um recorte mais detalhado sobre cada realidade (SILVA; SILVA, 2016).

Os estudos sobre a feira livre, no contexto da ciência geográfica, se apresentam como uma temática recente, mesmo existindo consideráveis pesquisas que trabalham esse tema. No entanto, falar sobre as feiras livres na contemporaneidade se torna imprescindível, posto que há uma mudança significativa na dinâmica socioespacial dessa atividade nos últimos anos. Além disso, cada feira livre apresenta sua própria intensidade, sendo necessário um recorte mais detalhado sobre cada realidade (SILVA; SILVA, 2016).

Segundo Vieira (2004), as feiras livres constituem-se como um comércio muito antigo, que vem garantindo o fornecimento de alimentos das cidades brasileiras, como das cidades do semiárido nordestino e, embora sejam vistas de forma ultrapassada, elas promovem o desenvolvimento econômico, social e cultural, que fomentam a economia das pequenas cidades do interior.

As feiras livres se materializam no espaço como formas comerciais de caráter socioeconômico e cultural, onde os mercados periódicos, com pequena ou grande dimensão, organizam-se nas ruas e praças, onde feirantes expõem diversos tipos de produtos, desde aqueles confeccionados com técnicas inovadoras até as mercadorias produzidas nos moldes mais rudimentares. E, com os produtos expostos em estruturas de barracas, atraem populações locais ou mesmo de uma região (COSTA & SANTOS, 2016).

Desse modo, principalmente nas urbes interioranas, as feiras livres onde se caracterizam como uma importante fonte de renda para pequenos produtores rurais e artesãos locais, estão sendo modificadas ao longo dos anos. É o caso da feira livre na área urbana de Cruzeta, na Região intermediária de Caicó, uma das três grandes regiões geográficas do Rio Grande do Norte.

Embasado neste contexto, vários fatores nos últimos anos vêm se tornando responsáveis por essa modificação, como o grande domínio dos supermercados e lojas de atacado e varejo; a lucratividade, muitas vezes baixa, que essa atividade apresenta; a falta de uma higienização adequada dos espaços destinados à feira e por último e mais recente, à pandemia do Covid-19 que deixou marcas significativas neste tipo de comércio, como a necessidade do atendimento

PESQUISA virtual e do *delivery*, até então comuns aos outros setores alimentícios, como restaurantes e lanchonetes.

No município de Cruzeta, não houveram até então, estudos referentes à temática apresentada, tornando-os extremamente necessários, pois, de acordo com Coutinho et al (2006), quanto menor a área urbana, mais importante se torna a feira livre para o seu desenvolvimento local, por garantir a comercialização da produção familiar. Além disso, o universo da feira livre compreende um mundo de possibilidades de estudos acadêmicos, por causa dos seus aspectos econômicos, sociais e culturais.

Dessa forma, as feiras livres, consideradas como complexos de relações sociais e econômicas que ocorrem dentro de um determinado espaço público, configuram-se como espaços importantes da economia urbana, principalmente no semiárido nordestino, por serem muitas vezes, a única fonte de renda de inúmeras famílias que não encontraram em outra atividade econômica, alternativa de sobrevivência. Além disso, representam o espaço de comercialização da produção familiar, das trocas de saberes, culturas e sociabilidades.

Logo, as feiras livres são espaços dotados de territorialidade e sociabilidade que buscam sobreviver ao avanço do meio-técnico-científico-informacional, da globalização da economia, da hegemonia dos grandes centros comerciais, supermercados e lojas. Portanto, a pesquisa que segue apresenta como objetivo principal compreender a importância da feira livre de Cruzeta-RN.

Para tanto, foi necessário analisar a dinâmica socioespacial da feira livre e sua influência na formação do perímetro urbano de Cruzeta, bem como seu papel em relação ao desenvolvimento socioeconômico local. Desta maneira, as mudanças que passaram a existir na sociedade com o processo de globalização da economia podem ser analisadas, evidenciando como essas transformações impactam direta ou indiretamente os espaços da feira livre em questão.

Também se fez necessário compreender as feiras livres enquanto permanências e coexistências em meio ao espaço modificado pelas ações da economia globalizada e, em face ao cenário atual, torna-se imprescindível evidenciar a dimensão do impacto socioeconômico vivido pelos feirantes que trabalham e/ou trabalharam na feira livre do município, frente à pandemia do novo Sars-Cov-2, causador da COVID-19.

Aprofundando sobre o contexto espacial de Cruzeta, caracterizando-se como um município de pequeno porte, as principais atividades econômicas desenvolvidas no mesmo estão baseadas na agropecuária, no extrativismo e no comércio. Desta forma, a produção

familiar, de produtos artesanais e da pequena agroindústria são facilmente encontradas em sua feira livre.

A feira livre também favorece outros setores da economia através da circulação de capital pelos feirantes, que após a comercialização de seus produtos, costumam comprar à vista em vários estabelecimentos do município, tais como supermercados, lojas de roupas, sapatos, produtos agrícolas, farmácias, material de construção, entre outros (COUTINHO et al, 2006).

Ressalta-se que a mesma é um acontecimento centenário. Embora Cruzeta só tenha obtido o título de cidade em 1953, por força da Lei nº 915, sancionada pelo então Governador do Estado da época, Dr. Sylvio Piza Pedrosa, historiadores datam a ocorrência da primeira feira em 24 de outubro de 1920, quando ainda era designada como povoado pertencente ao município de Acari-RN.

Logo, as feiras livres são espaços dotados de territorialidade e sociabilidade que lutam para sobreviver em meio à globalização. Partindo desta premissa, a presente pesquisa buscou compreender a dinâmica urbana nas pequenas cidades do semiárido potiguar, em especial a feira livre de Cruzeta-RN.

Portanto, a presente pesquisa buscou contribuir, de forma significativa, para debater acerca da feira livre, a partir do entendimento das ações de atores e instituições competentes para que a reprodução do espaço social aconteça com menos desigualdades e mais equidade; e para um debate geográfico que fomente outras pesquisas.

METODOLOGIA

No que diz respeito aos procedimentos metodológicos, a metodologia adotada para a realização do presente trabalho foi desenvolvida a partir da pesquisa de cunho exploratório e descritivo, realizada por intermédio de uma revisão bibliográfica, como parte fundamental de um embasamento teórico necessário para as discussões contidas nesta pesquisa.

Desse modo, se fez necessário a realização de leituras e discussões de livros e artigos científicos que fazem referência à temática estudada. Para tanto, o acesso à bases de pesquisas, como Periódicos CAPES, SciELO, Google Acadêmico, bibliotecas públicas e digitais, auxiliaram nas consultas por obras que sejam pertinentes na construção do desenvolvimento da presente pesquisa.

As reflexões de autores como Lefebvre (1991), (1978); Corrêa (1989); Holston (1993); Santos (1979), (2001); Raffestin (1993); Silveira (2001); Dantas (2005); Vedana (2004); entre

outros autores, foram importantes para o entendimento sobre as feiras livres e sua dinâmica com o espaço urbano, além de suas dimensões culturais e econômicas.

Em seguida, visando cumprir os objetivos propostos e compreender melhor o objeto de estudo, a pesquisa baseou-se no método qualitativo, por meio da descrição etnográfica e realização de pesquisas de campo para coleta de dados tanto primários como secundários. Assim, os dados primários foram coletados a partir de aplicações de questionários e entrevistas aos feirantes e consumidores da feira livre estudada. Os secundários, além da revisão literária responsável pelo embasamento teórico da pesquisa, foram pesquisados através de documentos municipais e iconográficos.

Também foi realizado uma discussão a partir da análise dos dados coletados ao longo do desenvolvimento da pesquisa, sejam eles primários ou secundários, compondo as reflexões teóricas sobre o tema pesquisado. Nesse sentido, a metodologia aqui abordada, foi constituída no diálogo da bibliografia pertinente ao tema abordado, com os resultados da pesquisa documental e de campo, resultante do levantamento de dados e informações do objeto pesquisado.

Dessa forma, de acordo com Bernardino (2015, p. 24), a investigação metodológica com as quais se estuda as feiras livres apresentam concepções da fenomenologia e da dialética. Obtendo assim, uma compreensão das feiras a partir dos elementos que as compõem, além dos desdobramentos e desconstruções que são ali estabelecidas, pois, quando se exploram territórios e sujeitos, tudo está em constante movimento.

Como instrumentos metodológicos, a realização de registros fotográficos e entrevistas nas seções que compõem a feira livre de Cruzeta foram imprescindíveis, pois uma entrevista é uma troca de experiências entre duas pessoas. É uma relação que se estabelece entre pessoas com experiências, formação e interesses diferentes. São pessoas que, apesar de pertencerem a diversas faixas etárias e diferentes condições socioeconômicas e culturais, estão dialogando e interagindo sobre uma mesma questão (FREITAS, 2002, p. 94-95).

Ademais, a pesquisa buscou contribuir, de forma significativa, para um maior conhecimento sobre a temática abordada, visto as lacunas existentes na área e também para um debate geográfico que fomenta outras pesquisas uso de imagens.

REFERENCIAL TEÓRICO

A cidade, no seu dia-a-dia, abraça uma grande diversidade de usos. A exemplo de um desses usos, temos as feiras livres, que surgem e se desenvolvem entre os espaços de

acumulação capitalista, reproduzindo o espaço banal (SANTOS, 2008), da vida, do cotidiano e de seus agentes anônimos, produzindo diferentes formas de territorializações e sociabilidades.

Logo, diversos estudos apontam que as feiras livres fazem parte da sociedade desde os primórdios de sua existência. Para Lima e Sampaio (2009, p. 2), as feiras são fenômenos sociais e econômicos muito antigos que remontam aos primeiros agrupamentos humanos, desde que o homem deixou de ser nômade, fixando na terra e praticando a agricultura e a domesticação dos animais.

De acordo com Santos (2013), uma das referências mais antigas que podemos inferir sobre feiras encontra-se em Mumford (1998, p. 85), quando este constata que antes de Cristo elas já existiam. Assim, “[...] as duas formas clássicas de mercado, a praça aberta ou o bazar coberto, e a rua de barracas ou de lojas, possivelmente já tinham encontrado sua configuração urbana por volta de 2000 anos antes de Cristo – a.C., a mais tarde”.

Dessa forma, consideradas um complexo de relações sociais e econômicas que ocorrem dentro de um determinado espaço público, as feiras livres apresentam relevância inegável, principalmente no Nordeste brasileiro, pois muitas vezes, são a única fonte de renda de inúmeras famílias que não encontraram em outra atividade econômica alternativa de sobrevivência (SILVA et al., 2014).

Além disso, as feiras livres tiveram uma grande importância e participação no processo de formação histórica, cultural e populacional de várias cidades nordestinas, principalmente no Semiárido, como o os municípios de Feira de Santana no Estado da Bahia, Feira Grande em Alagoas e Feira Nova em Sergipe. Dessa forma, através das feiras, é possível compreender parte da configuração espacial e territorial do Nordeste (LIMA, 2012).

No Brasil, a regularização, organização e o funcionamento das feiras livres é regido pelo poder público, geralmente, municipal. Em Natal-RN, a Lei Municipal nº 6.015, de 10 de dezembro de 2009 por exemplo, dispõe sobre a regulamentação das feiras livres, do comércio nelas realizados e do uso da área pública para tal fim e, de acordo com o Art. 1º da referida lei, as feiras livres têm por finalidade a exposição e venda de mercadoria no varejo, sejam elas alimentícias ou não, em local público e de forma transitória, mediante autorização do poder público municipal.

Ainda de acordo com a lei supracitada, as mercadorias alimentícias comercializadas nas feiras livres podem ser *in natura* ou industrializadas, como hortaliças, grãos, frutas, carnes, pescados, doces, queijos, compotas, entre outros. Já as mercadorias não alimentícias podem ser naturais, como flores, sementes, adubos e as manufaturadas, como produtos de tecidos, couro, cerâmicas, madeira, entre outros.

Dessa forma, a feira livre no Brasil se constitui como um comércio varejista ao ar livre, realizada semanalmente, organizada como serviço de utilidade pública pelos municípios e voltada para a distribuição local de gêneros alimentícios e produtos básicos. Mas, apesar de desempenhar um papel tão importante no abastecimento das cidades, as feiras livres se encontram sob uma nova perspectiva, tornando-se um território desprezado pelas políticas públicas por não estarem no mesmo ritmo que as novas tendências econômicas e culturais mundiais (MACARENHAS; DOLZANI, 2008).

No Semiárido, as feiras livres estão presentes em quase todas as cidades e se configuram como espaços de comercialização da agricultura familiar, atividade que fornece produtos locais e regionais, com valor acessível e saudável, com uso de agrotóxicos muito reduzido, como ocorre na feira de Cruzeta, referência empírica deste trabalho.

O êxito das feiras livres na região do Semiárido, ocorre em função da formação econômica e socioespacial do Nordeste, notadamente voltada para a agricultura e para a pecuária. Para Santos (2013), a feira livre desempenha nas cidades do Semiárido, uma grande importância por ser uma das principais formas de comercialização da produção agrícola e principal comércio varejista de abastecimento para uma parcela considerável da população.

No tocante à formação econômica e socioespacial que permeia a região do Semiárido nordestino, temos como principal foco a agricultura e a pecuária, em especial a agricultura familiar, que vem abastecendo as feiras livres interioranas. Diante disto, é perceptível que, durante muitos anos, a região conviveu com uma política de combate à seca, baseada em instrumentos das frentes de trabalho como os carros-pipa, escavação de açudes em terras privadas e ações que mantinham uns cada vez mais ricos às custas da maioria pobre, formando assim, a base da indústria da seca, gerando concentração da terra, da água, do saber, do poder e o aumento crescente da pobreza no Semiárido (BAPTISTA; CAMPOS, 2013).

E embora nos últimos anos, a situação da região do Semiárido esteja sendo observada sobre uma nova perspectiva, que seria a da convivência com o Semiárido, em que a seca não se combate; que é possível conviver com a semiaridez; que a região é viável (BAPTISTA; CAMPOS, 2013), a maioria das feiras livres da região, como a de Cruzeta, sofrem com a falta de infraestrutura e investimentos em políticas específicas que assegurem seu funcionamento, como políticas públicas de assistência técnica agroecológica e de convivência com a seca aos agricultores e agricultoras familiares.

Para Dolzani e Jesus (2004), a feira livre não é apenas um comércio ao ar livre, é um local de encontro, de lazer e de entretenimento, em que as pessoas se encontram para conversar, trocar informações, se divertir e não apenas comprar suas mercadorias, atraindo dessa forma,

diversos grupos sociais, como idosos, donas de casa, pessoas interessadas em produtos orgânicos e residentes da zona rural, aumentando assim, o fluxo de pessoas na cidade.

No entanto, a hegemonia das lojas e supermercados atuais, atrelado à falta de uma higiene adequada, ao lucro baixo obtido nas feiras livres e mais recente, à pandemia do Covid-19, está fazendo com que a tradição das feiras livres defina entre as cidades. Esse conflito entre a modernidade dos supermercados e as feiras livres, inseridas no que Santos (1979), chamou de circuito inferior da economia, cresceu consideravelmente nas duas últimas décadas, principalmente por causa do avanço do meio-técnico-científico-informacional.

Na percepção de diversas pessoas, as feiras livres se apresentam como territórios do desconforto, do informal, do atraso, do barulho e da sujeira nas ruas, enquanto os supermercados são demasiadamente apresentados como propagadores do novo, do belo, do conforto, do *American way of life* (MACARENHAS; DOLZANI, 2008).

Nos supermercados, é comum enxergarmos a imagem semelhante à de uma feira com seus produtos expostos, com os valores já etiquetados, mas a figura do feirante, encontrada nas feiras livres, não pode ser recriada, pois ele é quem detém o saber dos seus produtos e mantém uma singular relação com o seu consumidor.

Diferente dos supermercados, a relação entre o feirante e o consumidor na feira livre possibilita a diminuição dos custos da comercialização, fazendo com que as feiras se coloquem como canais mais eficientes, favorecendo uma aproximação e uma troca de saberes entre os feirantes e consumidores (COELHO; PINHEIRO, 2009).

A feira livre oferece ainda, formas do consumidor comparar diferentes mercadorias e preços de maneira mais eficaz o que não acontece nos supermercados, posto que são distantes uns dos outros. Dessa forma, a feira livre se sobressai e acaba competindo com o supermercado, porque oferece preços mais acessíveis, além da economia de tempo, tão importante na sociedade atual.

Além disso, Lefebvre (1991) afirmava que a rotina da sociedade burocrática do consumo exageradamente organizado, deixava a sociedade e o cotidiano cada vez mais empobrecidos, pois é no espaço que se abriga a coexistência de tempos e usos, apropriação e propriedade.

E ainda sobre o contexto explicitado, com o surgimento do novo Sars-Cov-2, causador da Covid-19, os feirantes de todo o país, assim como os do município de Cruzeta se viram obrigados a mudar. Com as novas medidas de restrição e decretos necessários para conter o avanço da pandemia, muitos feirantes tiveram que se reinventar, principalmente com a prática do *delivery*, antes presente apenas nas urbes de médio e grande porte, agora necessária para o aumento no fluxo das vendas, do comércio das pequenas cidades.

Desta forma, no contexto recente, quando as medidas e restrições contra o Covid-19 perderam forças, as feiras livres se encontram sob uma nova perspectiva, pois a sociedade, as cidades e todo o planeta passaram por diversas transformações no período pandêmico. A dependência da tecnologia aumentou consideravelmente e com isso, as feiras e seus sujeitos socioespaciais buscam novas formas de se apropriar do território para permanecer.

Portanto, é perceptível que os estudos sobre a feira livre não se apresentam como uma temática recente, mas ainda apresentam lacunas em sua dimensão histórica e com a economia globalizada, falar sobre as feiras livres se torna uma tarefa importante, pois mesmo existindo uma dinâmica econômica avançada, caracterizada pela presença da hegemonia dos grandes supermercados e centros comerciais, as feiras livres ainda permanecem e coexistem em meio ao espaço urbano artigo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a pesquisa em tela, foi possível traçar um perfil socioeconômico dos feirantes que comercializam seus produtos em meio ao espaço destinado à feira livre da cidade e de seus consumidores que frequentam a feira e junto aos feirantes, constroem as diversas relações e formas de apropriação daquele espaço, foram realizadas algumas entrevistas com os agentes que fazem a feira livre da cidade de Cruzeta acontecer.

As entrevistas, realizadas durante o mês de abril de 2023, foram de grande importância para o desenvolvimento desta pesquisa, tendo em vista que as mesmas possibilitaram uma vasta troca de experiências e conhecimentos, por meio do depoimento de pessoas de diferentes idades, escolaridades, classes sociais e vivências, que, juntas, se tornam os agentes que fazem a feira livre acontecer.

Dessa forma, foram realizadas quarenta e uma entrevistas. O tipo da entrevista utilizada foi a estruturada, as quais possuem as perguntas previamente formuladas. Assim, podemos analisar e refletir diferentes respostas sobre a feira livre, a partir de uma mesma pergunta. Das quarenta e uma entrevistas realizadas, trinta foram feitas com os feirantes-consumidores, dez com os feirantes-vendedores e uma com o coordenador de tributação e arrecadação da prefeitura municipal, para melhor entendermos o funcionamento da feira livre estudada.

É importante evidenciar que todas as entrevistas foram realizadas durante o acontecimento da feira livre, enquanto os consumidores realizavam suas compras e os feirantes efetuavam suas vendas.

Desse modo, através das entrevistas, também foi possível realizar uma observação de campo, que pode ser considerada uma forma de coleta de dados a partir da observação da realidade do espaço estudado. Para Gil (2008), as observações diretas das atividades do grupo estudado, junto a realização das entrevistas, captam explicações e interpretações do que ocorrem naquela realidade

Ficou evidente que analisar as feiras livres e elaborar um perfil socioeconômicos dos agentes que ali desenvolvem suas atividades, não é uma tarefa fácil; pelo contrário, é algo complexo e instigante, que requer atenção.

Dessa forma, ao analisar e refletir alguns dos mais relevantes números da pesquisa, no que se refere acerca da distribuição desses sujeitos socioespaciais por idade e por sexo e podemos constatar que, diferente do perfil dos feirantes-consumidores, ocorre uma predominância do sexo feminino, no perfil dos feirantes-vendedores, 70% dos entrevistados são do sexo masculino. Em relação a idade dos entrevistados, existe uma faixa etária de quarenta e sete anos de diferença entre o feirante-vendedor mais novo e o mais velho, possuindo o mais novo quinze anos e o mais velho apresentando sessenta e dois anos de idade.

Consultando os feirantes-vendedores sobre o local de moradia dos mesmos e o tempo em que exercem a profissão de feirantes, foi constatado que 70% residem na área urbana, 20% na área rural e, por fim, 10% são residentes em outros municípios. Em relação ao tempo em que exercem a função de feirantes-vendedores, o maior período foi de vinte e oito anos e o menor de seis meses, que, coincidentemente, corresponde ao entrevistado com maior e menor idade, respectivamente.

Outro ponto discutido durante as entrevistas foi se o feirante-vendedor exerce outra profissão juntamente com a de feirante-vendedor e se os mesmos participavam da realização de feiras livres em outros municípios. Dessa forma, foi observado que apenas 30% dos entrevistados só possuíam a profissão de feirante, enquanto os demais exerciam outras funções.

Por fim, foi questionado aos feirantes sobre o período de pandemia da Covid-19 e quais os impactos sentidos por eles durante o momento pandêmico. É importante ressaltar que os impactos causados por esta doença, que devastou o mundo inteiro, variam de cidade para cidade, de acordo com diversos fatores, como as medidas adotadas para o controle da propagação do vírus.

Em algumas cidades, as feiras foram temporariamente suspensas e em outras foram permitidas com o uso de medidas de proteção, como o distanciamento social. Em Cruzeta, a feira livre passou por algumas suspensões temporárias durante os meses que o índice de

transmissão da Covid-19 estava em alta. Quando liberada, passou a vigorar com restrições e medidas de distanciamento.

Dessa forma, foi notório que os impactos da Covid-19 na vida dos feirantes-vendedores de Cruzeta foram significativos. Ao responderem a entrevista, muitos falaram que deixam de vender com medo da doença, outros que as vendas diminuíram muito na época, pois as pessoas não estavam saindo de casa para realizar suas compras como de costume.

Por outro lado, alguns feirantes-vendedores evidenciaram que conseguiram passar pelo período pandêmico sem muitos prejuízos, porque repassava as mercadorias aos mercados da cidade e também na casa do cliente. Apenas um feirante-vendedor informou que, por receber aposentadoria, não sentiu os impactos financeiros causados pela pandemia.

Logo, ficou evidente que a feira livre e todos os que a formam, se adaptaram à situação vivenciada e passaram a oferecer serviços de *delivery* e atendimento pelas redes sociais, iniciativas que ajudaram a minimizar o impacto econômico da Covid-19 e que permaneceram mesmo com o fim da pandemia.

Ademais, os resultados obtidos, além do perfil socioeconômico, foram ressaltados que nem todos os feirantes têm acesso ou conhecimentos para utilizar as tecnologias que surgem com o mundo moderno. Muitos destes feirantes ainda dependem do contato direto com os clientes e da tradição das feiras livres para se manterem, o que torna as feiras tão importantes em suas vidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou refletir e analisar a feira livre e suas contribuições para a dinâmica urbana da cidade de Cruzeta e, a partir dessas reflexões, foi possível constatar que, para as cidades de menor porte, a exemplo de Cruzeta, a feira se torna muito importante para sua dinâmica urbana, pois a mesma garante a comercialização da produção familiar, da pequena agroindústria e de produtos artesanais.

É notório que a feira também favorece outros setores da economia, através da circulação de capital pelos feirantes, que, após a comercialização de seus produtos, costumam comprar à vista em vários estabelecimentos da cidade, tais como supermercados, lojas de roupas, sapatos, produtos agrícolas, farmácias e material de construção (COUTINHO et al, 2006).

A partir da análise dos dados coletados, foi possível identificar diversas contribuições da feira livre para a dinâmica urbana de Cruzeta. Uma das principais foi o fomento da economia

local uma vez que a feira é um importante espaço de comercialização, gerando empregos e renda, fortalecendo a economia do município.

Com os estudos sobre o avanço do meio técnico-científico-informacional, constatou-se que o circuito inferior da economia abriga parte considerável da população que não tem acesso ao circuito superior, fazendo com que a feira livre, a exemplo da feira de Cruzeta, se torne um espaço de constância e persistência diária de muitos sujeitos que ali desenvolvem suas atividades.

Dessa forma, é através desta manutenção da vida cotidiana de muitos sujeitos socioespaciais, que as feiras livres são retratadas como imagem do Semiárido, que resistem, lutam, se ressignificam ao longo dos anos, mas continuam edificadas, mesmo sendo muitas vezes consideradas como uma tradição obsoleta, que sofre com a falta de incentivos, investimentos e políticas públicas adequadas para um funcionamento eficaz.

Assim, conciliam-se o tradicional, representado pelas feiras livres e o moderno, retratado pelas tecnologias de comunicação e informação e, juntas, desenvolvem novas formas de apropriação e reapropriação do espaço citadino, redefinindo e criando novas relações entre feirantes e consumidores

Além disto, a feira livre de Cruzeta também desempenha um papel social importante e necessário, promovendo a integração entre os moradores e a cidade, sendo um local de encontros e convívio. Logo, a feira contribui para preservação da cultura local.

Outro aspecto importante da feira livre é que a mesma contribui para a saúde e qualidade de vida da população, uma vez que é ofertado diversos alimentos frescos, muitas vezes orgânicos, possibilitando assim, um modelo de vida mais saudável.

Diante do exposto, é imprescindível que a feira livre de Cruzeta seja valorizada, independente do seu número de feirantes ou de habitantes em sua cidade. É necessário a criação de políticas públicas que possam garantir a infraestrutura adequada para o funcionamento das feiras.

A feira livre de Cruzeta é muito mais que um simples local de comércio de alimentos e produtos. Ela é um reflexo da cultura e da identidade de seus moradores. É neste ambiente de sociabilidade que as pessoas se encontram, se cumprimentam e compartilham suas histórias, sendo um lugar onde as relações humanas podem ser fortalecidas.

Dentro da cidade, a feira é um verdadeiro espetáculo de sentidos. O cheiro, os sons presentes no ambiente, as cores, todos esses sentidos contribuem para tornar a feira de Cruzeta um ambiente único. Em suma, a feira livre é revelada pela percepção dos sentimentos expressos

na **vivência** do lugar. Dotada de sociabilidade, é um lugar vivo no meio urbano, cheio de emoções, experiências e convivências.

Por fim, a feira livre de Cruzeta desempenha um papel fundamental na dinâmica urbana da cidade, contribuindo para a economia, cultura, saúde e qualidade de vida dos seus habitantes. É um espaço de encontro e convívio, onde as pessoas podem consumir produtos locais e fortalecer diversas formas de interação ao longo do artigo.

REFERÊNCIAS

CASTRO, P. A.; ARAÚJO, Giovanna de Aquino Fonseca. **Continuidade e descontinuidade no contexto da globalização: um estudo de feiras em Portugal e no Brasil (1986-2007)**. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2011.

BAPTISTA, N. Q; CAMPOS, C. H. A convivência com o Semiárido e suas potencialidades. *In*: CONTI, I. L.; SCHROEDER, E. O. **Convivência com o Semiárido brasileiro: Autonomia e protagonismo social**. Editora IABS, Brasília-DF, Brasil. Pág. 51-58, 2013.

BERNADINO, S. S. **A feira livre da cidade de Nova Cruz-RN: aspectos culturais e econômicos**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Paraíba, 2015.

BOLIGIAN, L. et al. **Geografia, espaço e vivência**. 5ª Ed. São Paulo: Ed. Saraiva, 2015.

CARLOS, A. F. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CARLOS, A. F. **A cidade**. 9ª Ed. 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021.

CARNEY, George O. Música e lugar. *In*: CORRÊA, Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny (Orgs.). **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007. p. 123-150.

CORRÊA, R. L. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

CORRÊA, R. L. **O Espaço Urbano**. Editora Ática, Série Princípios, 3a. edição, n. 174, 1995. p.1-16.

COELHO, J.D.; PINHEIRO, J.C.V. Grau de organização entre os feirantes e problemas por eles enfrentados nas feiras livres de Cascavel e de Ocara, no Ceará. *In*: CONGRESSO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL - SOBER, 47, 2009, Porto Alegre: **Anais...** Porto Alegre: SOBER, 2009.



COELHO, E. P.; NEVES, H. C. da N.; H. C. da N.; SILVA, E. M. G. Feiras livres do Brejo Paraibano: crise e perspectivas. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 44., 2006, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: SOBER, 2006. p. 1 – 12.

COSTA, M. R; SANTOS, D. M. **Feiras livres: dinâmicas espaciais e relações de consumo.** Geosaberes, v. 6, n. 3, 2016, pp. 653 - 665.

DANTAS, Eustógio Wanderley C. Apropriação do espaço público pelo comércio ambulante: Fortaleza-Ceará-Brasil em evidência (1975 a 1995). Geo Crítica / Scripta Nova. **Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, Barcelona: Universidad de Barcelona, v. 9, n. 202, 2005.

DOLZANI, M. & JESUS, G. M. **O direito a cidade: cem anos de feira livre na cidade do Rio de Janeiro**, 2004. Disponível em: <http://www.uerj.br>. Acesso em: 5 de Junho 2021.

FREITAS, Sonia Maria de. **História oral: possibilidades e procedimentos.** São Paulo: Humanitas, 2002.

GOTTMANN, J. **A evolução do conceito de território.** Boletim Campineiro De Geografia, 2(3), 2012, pp 523–545.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6ª Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HOLSTON, James. **A Cidade Modernista.** São Paulo, Cia. das Letras, 1993.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **CIDADES – 2020.** Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/cruzeta/panorama>. Acesso em: 5 de Junho de 2021.

LEFEBVRE, H. **De lo rural a lo urbano.** Barcelona: Ediciones Península, 1978.

LEFEBVRE, H. **O Direito à Cidade.** São Paulo, Editora Moraes, 1991.

LIMA, A. R. F; SAMPAIO, J. L. F. Aspectos da formação espacial da feira livre de Abaiara – Ceará: relações e trocas. **XIX ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA**, São Paulo, 2009. Pp. 1-19.



SANTOS, J. E. D. **A feira livre na Mediação campo-cidade**. Dissertação (Mestrado em Geografia).

Universidade Federal de Sergipe. 2012.

MARTINS, José de S. **A sociabilidade do homem simples**: cotidiano e história na modernidade anômala. São Paulo: Hucitec, 2000.

MASCARENHAS, G., DOLZANI, M. C. S. **Feira livre**: territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea. Revista Eletrônica Ateliê Geográfico, v. 2, n. 2, 2008, pp. 72 – 87.

MUMFORD, L. **A cidade na história**: suas origens, transformações e perspectivas. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática. 1993.

SANTOS, M. **Pobreza Urbana**. 3. ed. São Paulo: Edusp, 1978b [2009b]. (Coleção Milton Santos; 16).

SANTOS, M. **O espaço dividido**: Os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. São Paulo: Record, 2001.

SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e meio técnico-científico informacional. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

SANTOS, J. E. **Feira livre e circuitos da economia urbana**: um estudo da feira da Pedra, em São Bento (PB). Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2012.

SANTOS, J. E. Feiras livres: (re)apropriação do território na/da cidade, neste período técnico-científico-informacional. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 17, n. 2, 2013, pp. 39 – 56.

SILVA, D. O., CASTRO, J. R. B. de., LOPES, K. P. S., SILVA, A. de O. Caracterização e análise da feira livre de Cruz das Almas-BA sob a ótica do planejamento e gestão municipal. **Caminhos de Geografia**, v. 15, n. 49, 2014, pp. 01–13.



SILVA, Izabelle Trajano da; SILVA, Anieres Barbosa da. A feira livre na contemporaneidade: estudo de caso em uma pequena cidade paraibana. **Revista GeoSertões** (Unageo/CFP-UFCG). vol.1, nº 2, jul./dez. 2016.

SAUER, C. O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.) **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. 124p.

VEDANA, V. "**Fazer a feira**": Estudo etnográfico das "artes de fazer" de feirantes e fregueses da Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre. Dissertação de Mestrado não-publicada, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS. 2004.

VIEIRA, R. **Dinâmicas da feira livre do município de Taperoá**. 2004. Monografia. (Trabalho de conclusão do Curso de Geografia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2004.

WEBER, M. Conceito e categoria de cidade. In: VELHO, O. G. (org). **O fenômeno urbano**. 4 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. P. 68-69.